

# Índio Fulni-ô tem conjunto de rock



A fome ataca os pequeninos da aldeia Fulni-ô. Biafra está muito perto

Os ventos da modernidade são responsáveis pela mudança de costumes na principal tribo do Estado

Roziane Fernandes

Já faz muito tempo que índio não quer apenas apito. Em tempos onde sopram os ventos da modernidade, eles querem instrumentos musicais importados e muito *rock and roll* nas caixas de som. Oito jovens índios fulni-ôs estão fazendo história no Interior do Estado com o conjunto Shumai-á (que significa vento na língua yaathé). Com guitarra, baixo, bateria, órgão e uma mesa-de-som de 24 canais, capaz de causar inveja a muito metalero branco, os índios já estão na "estrada" há cinco anos. São sucesso garantido em festas dos clubes de Paulo Afonso, Cábrobó, Arcoverde, Petrolândia, Garanhuns e outros municípios.

Na verdade, o Shumai-á não é de torcer o nariz para outros gêneros musicais. "Invade outras praias" como o reggae, forró, lambada e até Carnaval, se esse for o pedido da platéia. Sem repertório próprio, o grupo toca — e bem —, segundo os fulni-ôs, músicas que estão em evidência. Mesmo sem dominar o inglês, o Shumai-á também ataca nas baladas românticas internacionais. Segundo o guitarrista Roberto Bion, nessas horas se enrola a língua e a música sai a mesma.

O conjunto dá crédito ao velho ditado que diz que família que trabalha unida, permanece unida. O Shumai-á é formado por quatro irmãos, um primo e três amigos. Tudo surgiu, como lembra Marcelo de Albuquerque, um dos vocais, pela necessidade de dinheiro, comum a todos. Filho do cacique da tribo Fulni-ô, Marcelo e seus três irmãos, foram incentivados no iní-

cio da carreira pelo próprio pai, conhecido em Águas Belas por ser um seresteiro "de primeira".

Ao longo desses cinco anos, o Shumai-á já completou cerca de cem apresentações. Mesmo assim eles não se consideram profissionais. "Somos humildes; faltam ainda muitas coisas", garante Marcelo. Apesar da modéstia declarada, os integrantes do conjunto não abrem mão da qualidade. Os instrumentos são os melhores oferecidos pelo mercado atualmente. "Conseguimos comprá-los sempre aplicando o dinheiro dos shows", conta Roberto.

De vez em quando o inusitado que um grupo musical indígena traz pode virar prejuízo. O nome, de vez em quando, acaba afastando o público em algumas cidades interioranas. "Pensam que é um time de futebol e muitas vezes o povo fica na entrada do clube esperando para ver que diabo a gente vai tocar. No final, sempre acabam gostando", assegura Marcelo.

Como todos os grupos musicais, o Shumai-á tem sonhos e projetos para o futuro. Além de gravar um disco, o grupo gostaria de participar, com seus decibéis, da Rio-92, a conferência ambientalista que acontecerá no próximo mês no Rio de Janeiro.

Os integrantes do Shumai-á já pensaram em compor músicas em yaathé mas desistiram devido às dificuldades que encontrariam para serem compreendidos. "Mesmo assim, cantando em português ou inglês *disfarçado*, estamos rompendo preconceitos que ainda existem contra os índios. Nossa música é a nossa arma para isso", diz Roberto Bion.

Questão ecológica faz índio dormir de touca

O fulni-ô Frederico de Brito Heryou, 27 anos, não consegue dormir direito há algumas semanas. Se tudo der certo, ele estará no próximo mês, no Rio de Janeiro, representando a sua tribo durante as discussões da Rio-92. Mesmo nervoso com a possibilidade de sair de Águas Belas rumo ao Sudeste do País, Frederico sabe muito bem o que vai levar para os debates. "Queremos mostrar as condições de vida dos índios nordestinos que até hoje não têm reconhecimento. Ser índio já é um problema. Imagine se, ainda por cima, ele é nordestino?", brinca.

Para ele, a participação dos fulni-ôs na Rio-92 poderá mudar a sorte da sua tribo, e de uma maneira geral, a de todos os povos indígenas da região. "A situação é péssima, a Funai deixou de ser

fundação do índio para ser funerária dos índios porque ela está falida e estamos desamparados", opina.

Frederico leva na bagagem, além do relato histórico do seu povo, costumes e hábitos atuais dos fulni-ôs, a única tribo pernambucana que conseguiu preservar sua cultura. "O Rio de Janeiro é o momento do índio. Vamos discutir assuntos fundamentais para a nossa sobrevivência", diz. Ele nem imaginava, tempos atrás, que estaria afinando o seu discurso crítico rumo à Rio-92. "Estava em Brasília tratando de assuntos nossos quando o convite apareceu. Morri de medo na hora, mas resolvi aceitar". Frederico sabe, como um bom fulni-ô, que com destino não se brinca.



Frederico Heryou vai representar a tribo durante a Conferência da ONU

## Aldeia sagrada parece cidade fantasma

Os fulni-ôs possuem uma aldeia sagrada de onde os seus deuses e os espíritos dos antepassados zelam pelo futuro da tribo. Durante os meses de setembro, outubro e novembro, todos os índios abandonam suas casas na aldeia de Águas Belas para ir ao encontro dos "supremos", a quatro quilômetros de distância, na aldeia de Ouricuri. Esse deslocamento comunitário faz parte de um dos mais belos e intrigantes rituais religiosos dos fulni-ôs preservados até hoje.

A aldeia de Ouricuri permanece fechada de janeiro a agosto quando mais parece uma cidade fantasma. Nos 260 hectares que abrangem suas fronteiras, 680 casas foram construídas para acolher as famílias durante os meses de rituais. Enquanto permanecem em Ouricuri, os índios se submetem à abstinência sexual e homens e mulheres têm áreas rigidamente estabelecidas para circular. As mulheres permanecem nas casas e os homens em terraços onde, em orações, afirmam entrar em contato com os espíritos. Uma linha imaginária divide as duas áreas. As mulheres é proibida a passagem para onde estão os homens. Essa determinação nunca foi desrespeitada durante todos esses anos.

É assim que segue a tradição fulni-ô, na qual cabe apenas aos homens o contato com o espiritual. Até 1963, as casas de Ouricuri, nome de uma palha utilizada em



Marilena é professora bilingue

artesanato pelos índios, eram as rústicas moradias de seus antepassados. Devido a uma praga de barbeiros que infestou a região, equipes da Saúde Pública recomendaram a construção de casas em alvenaria. Como a morada dos deuses sempre foi o coração dos homens, essa mudança pouco interferiu na crença dos indígenas.

É em Ouricuri que os fulni-ôs agradecem a *Edjadwa* (Deus), com torés e a *Unekesa*, dança onde participam sete homens e sete mulheres pouco revelada para quem não é índio. Aos que são de coração, no entanto, os fulni-ôs permitem alguns detalhes. *Unekesa* quer dizer em yaathé, a língua materna,

"onde está o nosso direito". É através da reverência aos sagrados que os índios acreditam estar protegendo dos brancos a terra que sempre ocuparam.

Branco, por sinal, é sempre uma raça para se desconfiar de acordo com o pajé dos fulni-ôs, Cláudio Pereira Júnior. "O ensinamento deles sempre acaba atrapalhando o repasse dos conhecimentos indígenas para os mais jovens", dispara o pajé. A intenção de redobrar a atenção quando a necessidade força a uma convivência entre brancos e índios é dada, segundo Cláudio Pereira, pelos próprios espíritos. "Eles nos dizem para não acreditarmos mais em branco e, tenha certeza, temos nossos motivos".

As razões estariam nas inúmeras promessas até hoje não cumpridas. Os fulni-ôs estão sem sementes, medicamentos e apoio para a produção artesanal. De acordo com as lideranças, os índios são obrigados a andar a pé até 40 quilômetros em busca da palha. Não possuem conflitos por causa da terra. Dos 11.505 hectares de direito deles, estão de posse de 11.246. Cláudio Pereira é funcionário da Funai, além de pajé. Essa ligação empregatícia com a instituição, no entanto, não o impede de lançar críticas. "O político só faz prometer. No final de janeiro fui à Brasília tentar acertar a chegada de um caminhão com sementes. Até hoje não chegou".

## TRADIÇÃO

### Tribo consegue preservar costumes

A tribo Fulni-ô é a única do Nordeste que conseguiu preservar seus costumes e tradições mesmo com a interferência da cultura branca. Boa parte desse trabalho de resistência se deve ao interesse pessoal da professora Marilena Araújo de Sá, que desde os 14 anos de idade pesquisa a história e a língua de seu povo. Ela é responsável pela criação de uma escola bilingue dentro da área fulni-ô onde todo o ensino é repassado às crianças em português e yaathé, a língua materna dos índios de Águas Belas.

A pesquisa que Marilena começou informalmente quando adolescente culminou num projeto apresentado em 1987 à Funai e que contou com o apoio da Universidade Federal de Pernambuco. A professora admite que seu objetivo inicial era apenas preservar a língua dos fulni-ô. Mas, com o contato com os mais velhos, teve a oportunidade de levantar quase toda a história da nossa tribo", disse.

Formada em magistério há 14 anos, Marilena condensou parte do que apurou junto aos mais antigos numa cartilha editada em yaathé — a única de que se tem notícias entre as populações indígenas brasileiras feita sem a ajuda de brancos. "O ensino tradicional tem

uma forte influência da cultura branca e isso é muito perigoso. Quando um povo perde a sua língua, ele está praticamente eliminado", acredita.

**Riqueza** — O yaathé é uma língua rica, originária do tronco linguístico *macro gê*, formada por pelo menos 96 sons capazes de formar palavras. "Enquanto isso, o Português só possui 23 letras". Para chegar ao que é hoje o ensino bilingue das crianças fulni-ôs, a professora estudou a história dos povos indígenas da América. "É importante que eles saibam, além do que se passou com a nossa tribo, a vida de outros povos. A consciência surge assim".

Mas o esforço de Marilena está está a ponto de virar esquecimento. Falta material escolar, professores, luzes nas salas de aulas, bancas escolares e boa vontade da Funai para que a escola bilingue dos fulni-ô se torne modelo para todo o Brasil. Na escola estudam 208 alunos, mas 200 estão fora da escola porque os cinco monitores formados pela professora não foram, até agora, admitidos pela Funai para exercerem a função. "Gostaria muito que uma instituição se sensibilizasse com o nosso trabalho e nos ajudasse para que a escola bilingue não deixe de funcionar", diz a professora.

Entre os cinco monitores aptos

a lecionarem em yaathé, e que até agora não receberam ajuda da Funai, está Antônio de Lima Barbosa, o melhor classificado entre vinte alunos preparados para a função. Há quatro anos, ele vem servindo de professor, merendeiro e faxineiro da Escola Antônio Moreira — um índio fulni-ô que contribuiu para a pesquisa de Marilena.

**Projeto** — Segundo a professora, pelo acordo firmado com a Funai, em 1987, a entidade se responsabilizou em contratar pelo menos dois monitores para que novas turmas iniciassem os estudos. Até hoje, Antônio ocupa todas essas funções por uma questão de dedicação. "Faço isso por amor porque sinto que as crianças precisam muito", reflete.

Mesmo sem ganhar nada para ensinar, ele é professor de 78 crianças e só não amplia esse número porque as salas de aulas estão sem lâmpadas para os cursos noturnos. "No ano passado, quem comprou as lâmpadas foi Marilena. Mas não é sempre que a gente tem dinheiro para isso", diz. As vezes são os próprios alunos que vão buscar o professor em sua casa para que as aulas tenham continuidade. "As vezes, não venho porque não tornei café. Mas quando vejo as crianças na porta de minha casa, encho a barriga de água e vou dar aula".

## Time quer dar show no Maracanã

Domingo. Estádio cheio, torcidas nervosas e a velha batucada dando o ritmo das jogadas dentro do campo. O cenário de uma partida de futebol é mais do que conhecido dos brasileiros. Entre os índios fulni-ôs, a situação não poderia ser diferente. Remanescentes dos carnijos, índios valentes na luta por suas terras, os fulni-ôs estão dando "um show de bola" que vai ficar conhecido mundialmente durante a Rio-92. Na terra do samba, os pernambucanos vão jogar contra um time de jogadores veteranos, no estádio do Maracanã. O time indígena Guarani está treinando sem parar para mostrar a intimidade que possuem com a "gorduchinha". Para os incrédulos, o técnico e pajé dos fulni-ôs, João Francisco dos Santos, avisa que surpresas acontecerão.

O convite para participar da Rio-92, no entanto, não surpreendeu os fulni-ôs. Da aldeia de Águas Belas já saíram craques para times como o Ferroviário, São Domingos

e CRB, de Alagoas, Paulistano, Náutico e Sport. O técnico, é um dos mais fervorosos fãs da gíngua indígena, acredita que os bons resultados conseguidos até hoje no futebol seja fruto da resistência e força física dos fulni-ôs. "Não tem ninguém para jogar melhor do que a gente", jura o cacique.

Os índios de Águas Belas possuem diversos times de futebol que se formam e se renovam a partir dos campeonatos internos realizados sempre no Estádio de Futebol Monsenhor Alfredo Dantas — em homenagem ao padre católico que viveu e apoiou as causas indígenas dos fulni-ôs. O lugar não oferece muito conforto. Não há arquibancadas — a sombra é uma coisa rara disputada por todos. No final, essas coisas são consideradas superfluas para os índios. No estádio ninguém quer luxo. Espera apenas ver as jogadas programadas pelos "craques".

**Em pé de igualdade** — A paixão pelo futebol entre os fulni-ôs é explícita. Arrebata até corações e

corpos menos musculosos, como os das adolescentes de 15 a 18 anos. O Sport Clube Fulni-ô Feminino tem ambições bem definidas quando o assunto é futebol. "Queremos mostrar que podemos jogar tão bem quanto eles. Não há nada que eles façam no campo que a gente não faça também", garante Rosemere Rodrigues, ponta-direita do time.

O técnico Djalma Caetano de Sá tem os pés mais fixos no chão do que as suas pupilas. "Já treinamos há dois anos, mas elas ainda têm que melhorar muita coisa", garante. O time feminino já participou de nove amistosos com bons resultados. Para melhorar a disposição da moçada, o treinador acredita que além de patrocinador, será preciso um empurrãozinho extra. "Estamos a zero. Falta chuteira, fardamento e até bola para treinar". Djalma e as jogadoras esperam uma mudança na sorte do time. Quando estiverem bem estruturados apostam até na derrota dos times masculinos para as meninas. Quem duvidar não perde por esperar, asseguram.



As mulheres da tribo apostam que vencerão os homens quando estiverem com o fardamento completo para o jogo